

O ÊXTASE DO CORPO EM “MISS ALGRAVE” DE CLARICE LISPECTOR

BODY RAPTURE IN “MISS ALGRAVE” BY CLARICE LISPECTOR

Ademilson Filocreão Veiga¹

Gilcilene Dias da Costa²

Resumo: O presente artigo, a partir do conto de Clarice Lispector intitulado “Miss Algrave”, intenta a discussão do corpo como território carregado de “textos culturais”, segundo estudos de Preciado (2014). Essa dimensão, ao mesmo tempo em que é múltipla e potencializadora, também fabrica políticas manipulatórias a respeito do ser e do viver. Butler (2003) expõe e questiona os atributos expressivos e esperados para “macho” e fêmea” e Deleuze e Guattari (2010) propõem a existência de *n* sexos, concomitantemente existindo numa mesma pessoa. O conto *Miss Algrave* é o cerne da discussão, na qual a personagem título está tensionada entre viver o que lhe é esperado e sucumbir às expectativas sociais ou transgredi-las para (re) descobrir seus desejos.

Palavras-chave: Clarice Lispector; políticas do corpo; Miss Algrave.

Abstract: This article, based on the short story by Clarice Lispector entitled “Miss Algrave”, intends to discuss the body as a territory loaded with “cultural texts”, according to studies by Preciado (2014). This dimension, while being multiple and empowering, also fabricates manipulative policies regarding being and living. Butler (2003) exposes and questions the expressive and expected attributes for “male” and female” and Deleuze and Guattari (2010) propose the existence of *n* sexes, concurrently existing in the same person. The short story *Miss Algrave* is at the heart of the discussion, in which the title character is tense between living what is expected of her and succumbing to social expectations or transgressing them to (re) discover her desires.

Keywords: Clarice Lispector; body policies; Miss Algrave.

A mulher entre becos e fantasmas

“Os fantasmas existem nos becos escuros...” (LISPECTOR, 2016, p. 529). Miss Algrave mora em Londres, sujeita a julgamento. É sexta-feira e ela faz exatamente o mesmo de todos os dias. É mulher que sabe como ser mulher. Ruth, o primeiro nome, tem na alma umaimensidão de becos inexplorados. Para si mesma, é um fantasma. Projeção do que antes fora vivo.

Se a alma é clara, translúcida, o corpo traz consigo uma verdade pesada que o faz aparentemente luzente. Sob essa falsa camada de claridão, a forma do ser humano é escrita e descrita tal qual papel de carne, por mãos que parecem garras. “Um sistema de escritura, ou dos corpos como textos” (PRECIADO, 2014, p. 27). A arquitetura do corpo fabrica políticas. Quais políticas?

Miss Algrave é um corpo. Um todo de si, corporificado, que fala e reconhece aos outros como parte integrante de um mundo. No entanto, até que ponto Ruth sabe de si? Lancinada por julgamentos, esta mulher julga na mesma medida. Compreende-se que há uma cartilha para ser mulher e ela a segue como ninguém. Como uma máquina cujo manual já fora escrito antes do nascimento. É de posse dos outros aquilo que ela traz consigo, o seu fardo de carne e ossos. “Esses corpos compreendidos como recipientes passivos de uma lei cultural inexorável” (BUTLER, 2003, p. 26). E assim:

Quando era pequena, com uns sete anos de idade, brincava de marido e mulher com seu primo Jack, na cama grande da vovó. E ambos faziam tudo para ter

¹ Universidade Federal do Pará.

² Universidade Federal do Pará.

filhinhos sem conseguir. Nunca mais vira Jack nem queria vê-lo. Se era culpada, ele também o era. (LISPECTOR, 2016, p. 529).

A lei inexorável inscreve nos corpos uma modelagem perfeita, sem perguntar se a queremos. Algrave, desde pequena a brincar de família com o primo Jack. Quem era o marido, quem era a esposa? Encerrada a responsabilidade da procriação com resultados infrutíferos, separaram-se para nunca mais.

Algrave não carrega a culpa sozinha, essa mulher cujos ombros arqueiam, ocupados com sacolas de legumes e frutas. Carne era pecado. Ruth é isto: matéria paralisada. Os calcanhares movimentam-se a cada passo, mas ela ainda está lá. Ainda não cruzou nem a linha de partida, embora ande. A pele flácida de movimentações mecânicas não acompanha o sacolejar do desejo.

Solteira, virgem. Caminha pela rua, vê mulheres esperando homens nas esquinas por dinheiro e sente nojo. Ruth acha impossível suportar tal modo de viver. Não eram modos de mulher. “Tomava banho só uma vez por semana, no sábado. Para não ver o seu corpo nu, não tirava nem as calcinhas nem o sutiã” (LISPECTOR, 2016, p. 530). Coibida pelo manual de ser mulher, Algrave é a Eva perdida. Como boa Eva, Algrave é pecaminosa, vive para pagar os pecados de sua curiosidade. Não é digna de conhecer seus seios. As mesmas mãos que provaram da verdade inenarrável estão proibidas de tocar na genitália.

“Na constituição de mulheres e homens, ainda que nem sempre de forma evidente e consciente, há um investimento continuado e produtivo dos próprios sujeitos na determinação de suas formas de ser ou jeitos de viver sua sexualidade e seu gênero” (LOURO, 2000, p. 17). Deste modo, a própria Ruth reforça sua forma-mulher, seu jeito-mulher, a partir de comportamentos de regulação e normalização. Toda e qualquer Outra que não seja ela própria, que não aja como ela mesma, não é digna de ser a Eva, abençoada e criada pelas mãos de um homem, advinda da costela de um homem. Ruth vê a verdade imposta corporificada em si e a reitera no seu olhar para as demais. “Miss Algrave sentia-se muito feliz, embora... Bem, embora” (LISPECTOR, 2016, p. 531).

Bem, embora. Embora... Espaço suspenso, indícios de uma alma quebrantada por desejos? Nas reticências de Clarice, encontramos um beco escuro. Ruth não pode pensar demais sobre sua deixa. É constantemente vigiada. Mas está lá, uma recusa, algo que não ficou para trás. É possível que encontre um Eu neste espaço vazio? Nossos nada são espaços produtivos. Espaços de possibilidade. Preenchê-lo? “O corpo como superfície, terreno de deslocamento” (PRECIADO, 2014, p. 49). Agora, notamos alguma movimentação neste corpo. Algo se desloca. Algo quer sair. Proeminente nesta pele plana.

Ixtlan-Tlixlan: transexualidades insurgentes

Seu nome é Ixtlan. Quem é Ixtlan? Um alienígena cujos becos são possibilidades, expectativas. O corpo interdito de Algrave teme sua presença desconhecida, este ser misterioso que exterioriza sua vontade de autoexploração. Encontrava-se na janela: não era deste planeta.

– Quem é?

E a resposta veio em forma de vento:

– Eu sou um eu.

– Quem é você? perguntou trêmula.

– Vim de Saturno para amar você.

– Mas eu não estou vendo ninguém! gritou

– O que importa é que você está me sentindo.

E sentia-o mesmo. Teve um *frisson* eletrônico.

– Como é que você se chama? perguntou com medo.

– Pouco importa.

– Mas quero chamar seu nome! (LISPECTOR, 2016, p. 532-533, grifo da autora).

Ruth desespera-se. A resposta não é matéria. Vem com o vento, apenas sentida, atravessa os punhos sedentos para agarrar o novo. Ixtlan é o *eu* dele mesmo, mas pode ser o de Algrave. Exótico, extraplanetário, surpreendente. Um desejo alienígena, incomum para uma Eva, fora dos limites bíblicos. Como não ceder à tentação? Como não buscar explorá-lo se entregando a ele?

Ixtlan fala em sânscrito com Ruth. Ambos se compreendem: são feitos da mesma massa estranha e pagã. Animalesco, enjaulado, frio. O alien traz na cabeça uma coroa de cobras entrelaçadas. Símbolos do demoníaco que remetem ao pecado original. A qualquer momento, picam-no, libertam seu veneno para dentro disto que chamamos corpo. Ele pede que Algrave tire a roupa como a lua se liberta logo após o sol.

Essa lua despe-se da luz pálida que a compõe. No escuro, todos os corpos são apenas corpos. Enorme dentro do quarto, engravidada de estrelas, a mulher vê seu outro materializado como um estranho ser branco e pequeno. Feito homem, toca em seus seios imaculados.

“Ela nunca tinha sentido o que sentiu. Era bom demais. Tinha medo que acabasse. Era como se um aleijado jogasse no ar o seu cajado” (LISPECTOR, 2016, p. 533). Algrave descobre o gozo. O gozo que sai do seu corpo, do espírito inacessível, uma sensação inédita. O aleijado joga o seu cajado no ar... Ixtlan explorou os montes de Ruth, coisa sagrada que é. Aconteceu. E Algrave suplica: “Ela pensava: aceitai-me! Ou então: Eu me vos oferto” (LISPECTOR, 2016, p. 533). A mulher cuja descoberta se faz como uma comunhão. Ixtlan come-lhe, bebe-lhe, ela oferta-se ao desejo. Aceitai-o, sacro, benção. E, em seguida, o alien diz que quer partir: “- Mas vou morrer de saudade de você! Como é que eu faço?”. Sua resposta: “- Use-se” (LISPECTOR, 2016, p. 534).

O estranho desejo recomenda usar-se em sua ausência. Algrave sente a falta de Ixtlan e pratica a masturbação. “Cada lugar do corpo é um plano potencial, um orifício-entrada, um ponta de fuga, um centra de descarga, um eixo virtual de ação-paixão” (PRECIADO, 2014, p. 32). Carente de energia sexual, Ruth subverte seu próprio corpo em função do desejo. A masturbação não era uma ameaça? Uma relação sexual consigo mesma sem objetivo procriador. Que egoísta! Para satisfazer ela mesma, apenas! “Sentia-se bestial” (LISPECTOR, 2016, p. 534). Uma Besta que se deixa levar pelo primitivo. Que lhe importa? Realizava-se desse modo.

Cada um de seus lugares pode tornar-se eixo para obtenção do prazer. A mão se faz como um novo órgão que ameaça, desestabiliza o poder das genitálias. Pois se mulher-vagina e homem-pênis, também é possível mulher-pênis, homem-vagina, mulher-mão, homem-mão. Os dedos ressignificam-se e atravessam a genitália. *São* a genitália, ao mesmo tempo em que a desvendam como potencialidade.

Se, neste caso, Ruth realiza descobertas diárias, Ixtlan, por sua vez, cai numa armadilha. Ixtlan, retratado como homem pela linguagem, gera questionamentos. Ixtlan, como texto feito de carne, apresentado como um homem, faz-nos indagar: O corpo do alien necessita de sexo? O sexo do alien pede um gênero? E além, presumimos que “o corpo só tem sentido como sexuado, um corpo sem sexo é monstruoso” (PRECIADO, 2014, p. 131). Este estranho de Saturno, o outro corporificado de Algrave, porque necessariamente faz-se de seu oposto? Nas revelações de Algrave, criar para as mãos uma ferramenta de prazer não é também descobrir o seu outro do *mesmo* sexo?

Assim, Ixtlan, que jamais retorna, é catalizador para este poder. Ruth detém em si mesma o seu outro. O outro, a potência mulher que carrega, uma mulher dentro de muitas. Esta Ruth que “nos se” apresenta, vive o que Deleuze, potencializado nos estudos de Preciado, conceitua como *homossexualidade-molecular*. “É possível pensar ou escrever transversalmente sobre certos fenômenos sem passar pela experiência real, do mesmo modo que é possível viajar sem sair do lugar” (DELEUZE, 2008 *apud* PRECIADO, 2014, p. 177).

Dito isso, Algrave transversaliza sua sexualidade com a falta de Ixtlan. Ela devém a si mesma a partir da sua outra-mulher. Partindo deste mesmo princípio, podemos dizer que Ixtlan pode não ser necessariamente um homem corporificado, mas sim um espectro de homem. Ele atravessa a experiência de ser homem, mas é Nada, pode ser Nada, um insólito alienígena sem nada. Algrave devém a si própria, objeto de seu prazer, como a mulher em suas mãos, faz sexo com a mulher dos seus punhos.

“Ser mulher era uma coisa soberba. Só quem era mulher sabia. Mas pensou: será que vou ter que pagar um preço muito caro pela minha felicidade?” (LISPECTOR, 2016, p. 535). Ruth toma consciência de um ser mulher proibido e soberbo. Pode custar caro. A alma fora estilhaçada pelo desejo. “Sempre pagara e sempre fora infeliz. E agora acabara-se a infelicidade. Ixtlan! Volte logo! Não posso mais esperar! Venha! Venha! Venha!” (Idem, p. 535). Algrave clama pelo desejo impróprio, inusitado, de outra dimensão. Nota-se: alienígena, como corpo da reprimenda sexual vivida anteriormente. A sexualidade que se reduz a uma estranheza vai experimentando aos poucos. Partindo desta premissa, devimos outros, oposto ou igual, um Algo de multiplicidades que se revela. A, chamada por Deleuze e Guattari, *transexualidade microscópica*, a qual se refere o excerto a seguir:

Uma transexualidade microscópica em toda parte, que faz com que a mulher contenha tantos homens quanto o homem, e o homem mulheres, capazes de entrar, uns com os outros, umas com as outras, em relações de produção de desejo que subvertem a ordem estatística dos sexos. Fazer amor não é fazer só um, nem mesmo dois, mas cem mil. Eis o que são as máquinas desejantes ou o sexo não humano: não um, nem mesmo dois, mas n sexos. (DELEUZE E GUATTARI, 2010, p. 391, grifo dos autores).

Fazer amor com vários. Transexualidades microscópicas pelas quais podemos ter n sexos, fazer amor com mil em um, estilhaçar a ordem. Uma mulher com muitos homens, um homem com muitas mulheres, ou mesmo uma indefinida mistura. Como máquinas desejantes, fazemos deste n -sexo microscópico algo que faz a norma sacolejar.

“Vemos uma máquina como um todo, lhe damos um nome e a individualizamos; olhamos para nossos próprios membros e pensamos que sua combinação forma um indivíduo que saiu de um único centro de ação reprodutora” (DELEUZE E GUATTARI, 2010, p. 377). Mecanizados, padronizados por modos de ser estipulados antes do nascimento, acreditamos na maquinaria universal: dão-nos um nome e dizem que somos. A combinação parece perfeita: homem, com pênis, portanto hétero, portanto masculino, portanto cisgênero. Algo além disso desestabiliza a máquina e desestabiliza o desejo. A produção deste, porém, espreita à frente, pela perfuração do muro, uma brecha fugitiva de luz que se transforma em vários feixes, n sexos, tal qual Algrave que devém Ixtlan.

Este alien apresentado pela linguagem clariceana, no entanto, ainda incomoda. A verdade do sexo institui que Ixtlan seja um homem, pois Algrave é mulher. Pensemos, apesar disso, na alienígena mulher. Tlixlan. Não está na narrativa, mas passa a existir aqui. Tlixlan, a mulher, a lua, a luz-mulher que invade Algrave. Tlix observa Algrave... Não lhe é estranha, carregam traços próximos. No entanto, está tão distante que não parece passado, não parece lembrança, mas o vento que se apaga numa manhã de calor, uma foto desbotada, uma memória desfeita com a borracha da norma. Tlixlan, não o oposto de Ixtlan, mas a mulher de Algrave.

Algrave, quando a vê, limpa-se. A mulher ainda está arraigada em proibições. Falta pouco para Tlix e Algrave viverem amistosamente uma com a outra... Ruth não sente a falta do seu Ixtlan. Basta-se. Usa-se. Pode caminhar em paz com Tlixlan.

É um dos eus daquele beco escuro. Terminemos o pensamento: Tlixlan desapareceu, é uma fantasia desta escritura. Na linguagem corporificada em livro, transpassada por Clarice, só existe Ruth e seu outro-homem, Ixtlan. A possibilidade-mulher desapareceu assim que deixamos de escrever seu nome.

“A heterossexualização do desejo requer e institui a produção de oposições discriminadas e assimétricas entre feminino e masculino, em que estes são compreendidos como atributos expressivos de macho e de fêmea” (BUTLER, 2003, p. 38-39). Consideremos Ruth confrontada originalmente com o desejo-mulher. A história sem Ixtlan. Seus descobrimentos seriam outros. E, no entanto, pensamos no alien como um homem com pênis. *O Ixtlan*. Ele esteve lá, erguendo seu falo, penetrando a mulher, sustentado por sua suposta natureza de homem, erguido e defendido pela biologia que carrega. Não podemos (e devemos) questionar essa imagem primeira, onde o desejo de Ruth tem uma forma masculina? Nas entrelinhas, não salienta, sem sabermos as reais intenções de Clarice, o reforço a essa “natureza” construída e reforçada socialmente?

O alienígena como “macho” sustenta o binarismo no qual se tem a “fêmea” como sua eterna dependente, aquela que busca estar completa sexualmente através do pênis *dele*. Um chama pelo outro, é o que dizem. É natural que a mulher procure o homem para constituir família, procriar. Assim foi com Adão e Eva. E, porém, tal discurso carrega outro pensamento: o de que qualquer “subversão”, tida como subversão porque *escapa* à norma, não é natural e advém, como uma espécie de erro ou caso à parte, do normal original.

A instituição de uma heterossexualidade compulsória e naturalizada exige e regula o gênero como uma relação binária em que o termo masculino diferencia-se do termo feminino, realizando-se essa diferenciação por meio das práticas do desejo heterossexual. O ato de diferenciar os dois momentos oposicionais da estrutura binária resulta numa consolidação de cada um de seus termos, da coerência interna respectiva do sexo, do gênero e do desejo. (BUTLER, 2003, p. 45-46).

As oposições de “macho” e “fêmea” supõe atribuições “femininas” e “masculinas” a eles, papéis que devem desempenhar numa relação assimétrica na qual o homem domina e a mulher é submissa. Butler fala de “heterossexualidade compulsória”, uma sexualidade hétero tida como padrão e normal que é reiterada a todo instante a partir de performances realizadas pelos sujeitos. No entanto, esta reprimenda se sustenta no falso binarismo no qual um é o oposto do outro, um é mais forte que o outro, um completa o outro. Sendo assim, mantém a coerência das relações entre sexo, gênero e desejo. Mulher, feminina, cisgênero, hétero. A diferença, nas performances compulsórias dos papéis tradicionais de gênero e sexo não pode coexistir, está sempre em relação, sempre um nível abaixo ou à margem, é sempre um resto, uma vírgula, um ou.

Trazendo essa problematização ao texto clariceano, o desejo materializado de Ruth é viver um *estranho homem alien*. Tal ideia submete-a ao seu papel de oposta a alguém, onde apenas este alguém pode lhe trazer gozo. O desejo se *heterossexualiza*. Mas questionemos: sabendo que Algrave pôde conseguir prazer com suas próprias mãos, não significa que ela possa alcançar também um desejo que se origina a partir dela mesma, sem necessitar do falocentrismo imposto ao seu ser-mulher? O falo é deslocado e transforma-se em sua mão. O falo é desviado de sua função e sobreposto a um segundo lugar, lugar outro. A posição enunciada, na qual o pênis é privilegiado, é modificada. Ixtlan vai embora e Algrave descobre o autoprazer.

O labirinto e suas descobertas

Anteriormente, por sua vez, percebemos que a personagem de Clarice, e talvez a própria Clarice, chamam seu oposito em desespero, levadas pela oposição produzida e normalizada através de performances de gênero nas quais “isso é de X” e “isso é de Y”. XY nunca existirá. Nunca conviverá em harmonia, nunca traçarão uma transversal entre si. Ao menos, é o que a compulsão pela heterossexualidade criada e reforçada por tais discursos almeja.

Dito isto, trazemos outra inquietação despertada pelo texto. Descoberta a masturbação, ela por ela, talvez existisse a possibilidade de, enfim, Ruth imaginar o retorno de Ixtlan como uma mulher. Ela a espera como mulher. Tlixlan nasce. A mulher dentro dela mesma. Uma entre as mulheres. De Clarice nasce Ruth, de Ruth nasce Tlixlan, de Tlixlan... Talvez, nos primeiros atos de masturbação, Algrave tenha imaginado suas mãos como a extensão de um falo. Ao fazer sexo consigo, suas mãos exploram a vagina como o órgão do seu estranho que desapareceu. Porém, ao final da narrativa, abre-se a possibilidade de Algrave ter transformado as mãos em complemento de sua própria genitália. A mulher dando prazer à mulher.

Descobre-se o corpo como um conjunto de fronteiras. E quando a lua engravida do sol, gerando-o à luz do dia, Algrave se transforma.

“E quando chegasse a lua cheia - tomaria um banho purificador de todos os homens para estar pronta para o festim com Ixtlan” (LISPECTOR, 2016, p. 536). Na próxima lua, Ruth não é mais Eva. Descarrega o fardo do paraíso dos ombros. Sua alma sente, seu corpo reverbera. Sua alma reverbera, seu corpo sente. E na noite seguinte, à luz pura da lua cheia, ela despe-se e despede-se de todos os homens. Está pronta para o festim com Ixtlan. Mas não *o Ixtlan*. Um Ixtlan, um desejo que apareça ou reapareça na mágica da noite. O escuro não lhe assusta mais. Ela sabe que os fantasmas existem nos becos escuros. Ela está curiosa para explorar cada um deles.

E como não pensar, com e a partir de Clarice, nas múltiplas possibilidades de explorar os labirintos do devir mulher, de acender o desejo dos corpos, de manipular os orifícios dos *n sexos* sem o julgo condenatório da moral? Como não transpor as fronteiras culturalmente instituídas para os prazeres do sexo? Como não viver o limiar impreciso de estar sendo sem que o seja absolutamente Nada? Como não sucumbir as expectativas sociais do esperado e ajustado “ser mulher” e transgredir os limites do sexo binário para, enfim, (re) descobrir seus desejos, prazeres e zonas erógenas, sem o peso da culpa original?

Talvez os fantasmas que nos espreitam nos becos escuros das páginas de Clarice e de nossos labirintos devam ser explorados muito além dos temores, e sim dos tremores que agitam o nosso corpo (social) ao encontro de outrem e do êxtase de prazer a jorrar fluxos de vida em *n* possibilidades.

Referências

BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Ed. 34, 2010.

LISPECTOR, C. *Todos os contos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2016.

LOURO, G. *O corpo educado*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

PRECIADO, B. *Manifesto Contrassexual*. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro São Paulo: N-1 edições, 2014.

Sobre os autores

Ademilson Filocreão Veiga é Graduado em Letras – Língua Portuguesa (Universidade Federal do Pará) e Mestrando em Educação e Cultura (Universidade Federal do Pará). Tem experiência na área de literatura e filosofia, com pesquisa nos seguintes temas: Clarice Lispector, questões de gênero e educação.

E-mail: filocreaoademilson@gmail.com.

Gilcilene Dias da Costa é graduada em Pedagogia (Universidade Federal do Pará), tem Mestrado e Doutorado em Educação (Universidade Federal do Rio Grande do Sul). É docente permanente da Universidade Federal do Pará. Tem experiência na área de Filosofia da Diferença e Pesquisa-rizoma na Educação, com pesquisa nos seguintes temas: cartografias literárias, corpo-escritura, antropofagia, erótica, microfeminilidades e performatividades de gênero.

E-mail: costagilcilene@gmail.com.